

## O Jornal Batista no mês seguinte ao Golpe de 1964<sup>1</sup>

Rafael DANTAS <sup>2</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### RESUMO

O discurso adotado pelo jornal O Jornal Batista após a deposição do presidente João Goulart e o início da Ditadura Militar no Brasil, em 1964, revela o pensamento do veículo dentro daquele contexto político. A pesquisa mapeia os argumentos que embasaram o apoio desse grupo religioso ao regime autoritário nas quatro semanas de abril daquele ano. As edições do jornal após o golpe de 1964 sugerem uma suposta "salvaguarda da democracia" trazida pelos militares, com a derrubada do então regime político do País. O discurso inclui críticas difusas ao comunismo, defesa da democracia pelo novo regime e convocação à oração e evangelização. Os artigos do periódico, dessa forma, mesclam a manipulação da informação, com conteúdos enganosos ou imprecisos, além de mensagens religiosas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religião, imprensa, evangélicos, autoritarismo, manipulação.

### INTRODUÇÃO

O ano de 1964 foi marcado pela deposição do então presidente João Goulart e pelo início da Ditadura Militar Brasileira, que seguiu até o ano de 1985. Um período marcado pelo autoritarismo e por uma série de violações aos direitos humanos, vastamente conhecidos pela população e pela comunidade científica. Houve, porém, no seu movimento inicial o apoio de diversas instituições, inclusive religiosas.

O País viverá no próximo ano o marco das seis décadas desse golpe. Nos últimos anos, porém, houve um esforço de promover um revisionismo desse episódio histórico por incentivo do então Governo Federal. A presente pesquisa se debruça a compreender qual o posicionamento de O Jornal Batista na época, publicação oficial da Convenção Batista Brasileira, que segue em atividade desde o início do século.

A Igreja Batista Brasileira tem entre suas práticas e doutrinas a defesa da democracia, sendo conduzida na maioria das vezes por uma assembleia dos seus membros que tomam as decisões mais relevantes das igrejas locais, elegem seus líderes, opinam sobre orçamento e demais direcionamentos de ações necessárias da comunidade de fé. Um sistema que também está presente em suas associações e convenções estaduais e nacional, ancorado em princípios democráticos.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Religião, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Comunicação da UFPE, email: rafael.dsantos@ufpe.br

---

A Convenção Batista Brasileira, em seu site oficial, na seção “Nossa História” relata que a origem do nome Batista remete ao ano de 1612, quando o advogado Thomas Helwys organizou uma igreja em Spitalfields, nas proximidades de Londres, junto com outros cristãos que haviam se refugiado na Holanda de um período de perseguição religiosa na Inglaterra nos dias do Rei James I. Três anos após ele escreve o livro *Uma Breve Declaração Sobre o Mistério da Iniquidade*, em que defendia a liberdade religiosa e de consciência. Seu discurso o leva à prisão, onde ele morreria como vítima dos seus ideais de liberdade. Após essa introdução sobre o fundador da denominação, o texto afirma que: “Nossas Igrejas adotam a forma de governo Congregacional Democrático” (Convenção Batista Brasileira, 2017).

Apesar da sua história e doutrina, na ocasião da derrubada do presidente João Goulart, a tomada de poder pelos Governos Militares foi apreciada no veículo oficial da Convenção Batista Brasileira, O Jornal Batista, em especial no artigo “Responsabilidade dos crentes nesta hora”, assinado pelo diretor da publicação, o pastor J. Reis Pereira. O marco militar de ruptura com o antigo regime político brasileiro foi no dia 31 de março de 1964, o artigo foi publicado no dia 12 de abril daquele ano. A presente pesquisa faz uma investigação dos argumentos utilizados por O Jornal Batista nesse momento imediato após o Golpe de 1964 para compreender como um segmento religioso marcado pelos princípios democráticos defendeu o novo regime militar.

O apoio da denominação aos governos militares brasileiros, segundo Machado (2013, p. 2) é um dos episódios que nos fazem ler a trajetória dos protestantes brasileiros, entre eles os Batistas, e dos seus princípios não podem ser analisados pela história de maneira “totalizante, abstrata ou de forma homogênea, mas sim como sujeitos, grupos e instituições que apresentam uma grande multiplicidade de pensamentos e ações dentro de cada processo sócio-histórico”. O autor afirma que independentemente da organização e doutrina da denominação, a trajetória da Igreja Batista deve ser analisada a partir dos sujeitos que disputam a sua hegemonia, por meio dos diferentes pensamentos e posicionamentos. Diferenças essas muitas vezes marcadas por tensões e conflitos.

A presente pesquisa é orientada pelo método histórico e dialético, partindo do pressuposto que a realidade do nosso objeto de estudo não é estática, mas bastante dinâmica, complexa, contraditória e dialética. A pesquisa consiste na investigação do

---

discurso adotado por O Jornal Batista no momento seguinte à deposição do presidente João Goulart e o início da Ditadura Militar Brasileira.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 106), o método dialético tem como característica o fato de penetrar no universo dos “fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade”. E o método histórico que investiga os acontecimentos, processos e instituições do passado com a intenção de analisar a influência que eles têm na sociedade atual. Para atender tal objetivo foram selecionadas as publicações realizadas por O Jornal Batista nas quatro edições seguintes ao Golpe Militar. As informações coletadas pela pesquisa foram tratadas e sintetizadas, analisando-se o discurso (Maingueneau, 2008) desse material textual, bem como apontando alguns marcadores que indicam padrões de manipulação (Abramo, 2003) presentes.

## **1. O GOLPE DE 1964 E AS IGREJAS EVANGÉLICAS BRASILEIRAS**

Comandado pelos militares brasileiros, o Golpe de 1964 tem sido analisado há alguns anos, em verdade, como um golpe civil-militar. Na análise de Aarão (2014), durante o movimento de reabertura política do País, na década de 1980, foi construído um discurso apaziguador que trazia a narrativa de que a sociedade brasileira apenas “suportava” a Ditadura Militar.

De acordo com Aarão (2014), a ruptura democrática brasileira na década de 1960 foi fruto da vitória das forças conservadoras. “Apoiado em amplos movimentos sociais [...] unificando quase todas as forças armadas e as principais instituições republicanas, um golpe de Estado depôs o presidente da República legalmente eleito” (AARÃO, 2014, p. 30). Tratava-se portanto de um movimento mais complexo, que envolvia atores não-militares e que conviviam dentro das instituições democráticas antes e depois do regime militar. Entre essas instituições, as religiosas: igrejas católicas e protestantes.

O fim do período democrático que começara quase vinte anos antes marca o encerramento de um ciclo de um Estado de Direito, uma experiência democrática limitada e a recente construção da versão trabalhista do nacional-estatismo (Aarão, 2014). O autor destaca que a ditadura imposta no País não foi um fato isolado ou um raio que caiu entre os dias 31 de março e 1º de abril de 1964. Mas foi fruto de um processo que sufocou as experiências democráticas em toda a América Latina.

---

Há um conjunto de estudos que relacionam o alinhamento das igrejas evangélicas brasileiras com o Regime Militar que liderou o Brasil entre os anos de 1964 e 1985. Alguns movimentos de apoio foram velados, mas outros foram bastante explícitos, com publicações e manifestações públicas dessa aproximação de ambos os lados (Dusilek; Silva; Castro, 2017). No caso da Igreja Batista Brasileira, há uma ressalva dos pesquisadores de que não se pode falar de um apoio unânime, mas foi mapeado por meio das atas e de publicações oficiais um pensamento majoritário e das suas principais lideranças (LEAL, 2017).

Leal (2017) ressalta como a aproximação com os militares afastou os temas sociais do discurso da Igreja Batista ao longo das duas décadas de Ditadura no País. O evangelismo, sem um olhar crítico ou de denúncia das opressões que aconteciam nos “anos de chumbo”, marcou o trabalho batista nesse período, tendo uma grande influência na apatia social do trabalho da denominação nos primeiros anos de reabertura, segundo o autor. Em um olhar focado da situação da denominação em Minas Gerais, o autor ressalta que de igual modo houve um silêncio de concordância diante dos crimes cometidos pelos governos militares.

[...] passou a haver entre os protestantes uma apatia política, um total desinteresse. Em contrapartida, foi aumentando a preferência por assuntos “espirituais”. Muitos se voltaram para os problemas internos, sobretudo os batistas, fixando seu foco em campanhas evangelísticas de âmbito nacional. (Leal, 2017, p. 110).

A extensão da proximidade das lideranças batistas com os regimes militares no País segue até os últimos dias da Ditadura Militar, como ressaltam Dusilek, Silva e Castro (2017). Há neste trabalho os apontamentos de como havia uma moldagem do discurso religioso sobre essa relação íntima entre os religiosos e militares, dando um aspecto espiritual às relações políticas das lideranças religiosas com o regime.

Binde, Couto, Costa Filho e Rodrigues (2017, p. 19) também trataram da relação dos evangélicos com o regime militar, não se limitando aos batistas. A pesquisa concluiu que “o ideal político do ‘protestantismo de missão’ é voltado ao conservadorismo. Como se percebe, as principais denominações deram apoio ao regime militar”.

## **2. O JORNAL BATISTA NO MÊS SEGUINTE AO GOLPE**

Repleto de registros do trabalho da denominação batista no País e reflexões bíblicas de diversas lideranças, O Jornal Batista abre espaço no mês de abril de 1964

para comentar também sobre o contexto político do Brasil. A instabilidade do País e a ruptura com o regime político-democrático vigente não passariam despercebidos pelas páginas do tradicional periódico.

No presente trabalho, o enunciado religioso se faz presente dentro do gênero jornalístico. Ele está integrado a uma formação discursiva e a um quadro de referências ideológicas determinados numa conjuntura social-histórica. É desse cenário, de meados da década de 60, em um País que havia vivido naquele momento uma ruptura política, que o meio de comunicação da denominação batista profere a sua voz por meio dos articulistas que o dirigem. Esse discurso faz uma leitura do cotidiano, especialmente da transição política, a partir de interpretações tidas como bíblicas, construindo sentidos e influenciando seus leitores.

Utilizamos na presente pesquisa um *corpus* constituído por 7 textos presentes em quatro edições de O Jornal Batista no mês subsequência ao Golpe de 1964, que aconteceu entre o dia 31 de março e o dia 1º de abril daquele ano. Constituem, portanto, para a análise os seguintes textos:

Tabela dos artigos que compõe o *corpus* de análise:

Textos de O Jornal Batista em 1964		
Edição	Artigo	Autor
14 5 de abril	Jesus Cristo, a nossa Esperança (p.1)	José Reis Pereira
	Uma palavra muito pessoal (p.3)	José Reis Pereira
15 12 de abril	A responsabilidade dos crentes nesta hora (p.3)	José Reis Pereira
16 19 de abril	O dia da verdade (p.3)	Ernani de Souza Freitas
	Notas redatoriais (p.3)	Sem autoria identificada
17 26 de abril	Continuar a marchar (p.1)	Sem autoria identificada
	Nôvo Governo (p. 3)	José Reis Pereira

Nas publicações digitalizadas, disponíveis de O Jornal Batista, há uma edição por semana do veículo de comunicação da denominação. Na ocasião eram impressas. Hoje, a referida publicação permanece em atividade, mas em um formato impresso e digital, permanecendo a periodicidade semanal.

---

O *corpus* de análise de discurso portanto é um conjunto de artigos publicados nas referidas edições de O Jornal Batista, que tratam direta ou indiretamente do contexto político do Brasil, de ruptura democrática e ascensão de um processo ditatorial.

De acordo com Mainguenu (2008, p. 93), “enunciar não é somente expressar idéias, mas tentar construir e legitimar o quadro de sua enunciação”. Na perspectiva da Análise do Discurso do autor, podemos apontar como cena englobante religiosa, por se tratar de discursos produzidos pela imprensa denominacional, escrita por pastores, com maioria de seus textos com finalidade evangelística, de reflexões religiosas ou mesmo de informações sobre o grupo religioso batista. O veículo tem como principal público os membros das igrejas batistas, atingindo principalmente as lideranças da igreja.

A cena enunciativa é composta de um contexto mais amplo que os indivíduos que nela falam, sejam os autores ou o próprio veículo. E, neste caso, precisa ser lida em um cenário mais amplo que apenas o religioso. Para Patriota (2004, p. 73):

...a cena enunciativa faz referência à cena social como a organização social do discurso, o contexto social, lugares institucionais e seus ritos, a comunidade dos que produzem, dos que promovem a circulação e dos que se reúnem em nome de certo discurso e nele se reconhecem. Dessa forma, o dizer só tem sentido se for pertencente à esfera do social, e não da simples ação individual de cada um dos parceiros das múltiplas interações.

A cena genérica desse conjunto de textos analisado é composta por artigos de opinião, notas editoriais e comentários sobre os acontecimentos políticos contemporâneos, que é uma característica jornalística, mas entranhado a elementos da literatura mais religiosa, como apelos e reflexões cristãs, dentro do contexto denominacional batista e sob a influência dominante do momento político do País. De acordo com Mainguenu (2008, p. 95), toda fala procede de um enunciador e mesmo quando escrita, o referido texto é sustentado por uma voz, “um sujeito situado para além do texto”. Há nos referidos textos dois autores conhecidos - os pastores batistas José dos Reis Pereira e Ernani de Souza Freitas, respectivamente diretor e secretário do veículo – e alguns textos não assinados, portanto, com sua autoria assumida pelo próprio veículo denominacional, como em vários editoriais dos jornais e revistas. No entanto, há outras vozes explícitas ou implícitas nessa construção.

O Jornal Batista reflete de forma explícita argumentações que estão presentes nos típicos discursos religiosos e bíblicos, de chamada à oração e evangelização, por exemplo, ao mesmo tempo que reverbera de forma implícita também o discurso do próprio regime que assumira o País na ocasião. Essa percepção pode ser observada

---

pelos enunciados presentes nos referidos textos em comparação com os primeiros discursos do primeiro presidente do novo governo, o General Castello Branco, proferidos logo após sua escolha indireta e sua posse, além de referências diretas ao discurso do presidente do Congresso, Auro de Moura Andrade, na sessão que declarou vacância da presidência de João Goulart.

A partir das referidas edições, a cenografia construída envolve a cobertura editorial, que demonstra a postura do veículo em relação aos acontecimentos políticos após o Golpe Militar de 1964. A cenografia aqui é o contexto comunicativo que engloba a forma como o jornal aborda e se posiciona diante dos eventos políticos e sociais da época e os seus efeitos. A cenografia na perspectiva de Maingueneau é simultaneamente a origem do discurso e aquilo que ele dá origem. Ela não é limitada ao cenário onde o discurso emerge. O periódico atua como um dispositivo de fala, com autoridade religiosa e de um jornal que já possuía mais de 60 anos de atividades, influenciando a percepção dos leitores e moldando sua compreensão dos eventos.

## 2.1 Jornal Batista, edição 14 de 1964

Na primeira das edições publicadas há um destaque para a mudança de direção do jornal, passando o pastor José Reis Pereira a assumir o cargo após a saída do pastor Almir Gonçalves. O antigo diretor, segundo a reportagem “Facetas da Vida Cristã” (p.8), teria deixado O Jornal Batista para assumir de forma integral a direção do departamento de Livros, em que o mesmo estava à frente de forma interina.

Fazendo uma análise dos textos publicados na Edição 14, publicada no dia 5 de 1964, a redação dos artigos nos leva a compreender que ela foi produzida antes na deposição de João Goulart e da deflagração do Golpe Militar. Como se tratava de uma publicação impressa semanal, sem um perfil de *hard news*, não seria improvável que tenha sido enviada para a gráfica com alguns dias de antecedência e, logo, não ter contemplado o fato político mais relevante do País naquela década.

Mesmo diante dessa percepção, na Edição 14, podemos destacar dois textos em que o contexto político é comentado. Na matéria de capa, com o título *Jesus Cristo, a nossa Esperança* (p.1) e de forma mais indireta no texto *Uma palavra muito pessoal* (p.3), ambas têm a sinalização da assinatura do novo editor, com as suas iniciais ao final desses artigos, J.R.P. O primeiro texto começa com o seguinte fragmento:

---

Que o Brasil está à beira do abismo todo mundo sabe e há muito tempo. Não sei quem é o autor da frase, mas ela já deve ser velha de uns 50 anos. O ciclo de revoluções de 20 e 30 surgiu e terminou, para afastar a pátria de tão grave perigo. O que aconteceu entretanto é que ela chegou ainda mais perto de despencar-se. Depois veio a ditadura, veio a guerra, veio a re-democratização. E o Brasil continua periclitando, prestes a precipitar-se. Vai ficar assim perenemente, nessa posição instável e dramática? Não é possível. Alguma coisa deve acontecer. (O Jornal Batista, 1964, p.1).

O texto *Jesus Cristo, a nossa Esperança* segue fazendo um panorama do cenário político brasileiro, chegando a destacar que “o Brasil está mesmo mal e nunca esteve tão mal na sua ainda breve existência de nação independente” (p.1). Apesar de o texto ter forte carga de análise histórica e política, nos seus parágrafos finais ele não sugere aos fiéis uma ação que não seja eclesiástica-religiosa para enfrentar esses tais problemas do País. Ele aponta inclusive isso como um risco e alerta os leitores para os “salvadores humanos”, defendendo que não busquem ou acreditem em soluções humanas. A solução seria pelo caminho de viver o evangelho de forma séria.

No outro texto, *Uma palavra muito pessoal*, o novo diretor menciona algumas diretrizes que pretende tomar à frente da publicação. Entre elas, há uma crítica à publicação de opiniões divergentes nas páginas do jornal. Esse texto reforça que o jornal “deve representar o pensamento do povo batista brasileiro” (p.3). Mas o principal destaque dentro de um contexto político desse texto está no seu último parágrafo. O pastor J. Reis Pereira apresenta o seu conceito do que seja liberdade de expressão e declara o seguinte sobre publicar opiniões divergentes na seção de cartas:

No nosso caso, O JORNAL BATISTA, respeita e aprecia todos os leitores, mas só publicará matéria que se enquadre nas normas acima expostas. Para ser bem claro, se alguém resolver mandar-nos uma apologia ao comunismo ou uma diatribe contra o batismo por imersão, não verá tal matéria publicada por nós, embora admitíssemos a sua publicação num jornal de debates até mesmo orientado por batistas. (O Jornal Batista, 1964, p.3).

O ressalte da preocupação com a circulação de ideias comunistas no meio batista tem uma conexão com os principais argumentos militares à época para justificar a deposição do presidente João Goulart. Justificativa esta que segue presente entre os admiradores dos governos militares ainda nos dias de hoje.

Em ambos os textos desta Edição 14 fica evidente o clima de tensão e instabilidade do País. Nesse segundo caso, a oposição às ideias comunistas. Mas nada objetivamente sobre os acontecimentos do dia 31, que serão mencionados na edição seguinte, a primeira produzida já dentro do governo militar.



---

## 2.2 Jornal Batista, edição 15 de 1964

Na Edição 15, que tem como data de circulação o dia 12 de abril, a principal publicação sobre o cenário político nacional é *A responsabilidade dos crentes nesta hora* (p.3), assinada pelas iniciais de J.R.P. Diferente das referências mais difusas do contexto político brasileiro da década de 60, expostas na edição anterior, este texto registra “os acontecimentos políticos militares de 31 de março e 1º de abril, que culminaram com o afastamento do presidente da República [...]” (p.3). O autor destaca que a instabilidade daqueles dias roubava a tranquilidade necessária para trabalhar, progredir e inclusive pregar o evangelho. Encerra o primeiro parágrafo com a seguinte frase: “Agora as coisas mudaram. Era tempo” (p.3).

O próprio título do artigo *A responsabilidade dos crentes nesta hora* nos sugere um recorte religioso do discurso do presidente do Congresso, Auro de Moura Andrade. O deputado, em seu pronunciamento, afirmou que “Há sob a nossa responsabilidade a população do Brasil, o povo, a ordem. Assim sendo, declaro vaga a Presidência da República” (G1, 2014).

O artigo constrói um cenário em que o então presidente João Goulart estaria envolvido por forças comunistas que o suplantariam o poder em algum momento, a exemplo do que acontecera com a Checoslováquia ou Hungria. O autor menciona que havia uma ameaça democrática sob a presidência de Goulart que, agora com o governo dos militares, estava acabada. O texto associa o comunismo com a violência e defende que os cristãos são guiados por princípios pacifistas. O autor lamenta que em algumas igrejas houve “infiltração do pensamento comunista” (p.3). O movimento que a história hoje apresenta como Golpe Militar, foi mencionado por O Jornal Batista na ocasião como um “movimento de salvaguarda da democracia” (p.3). E destaca que chegou ao poder sem sangue, o que seria uma argumentação do autor de que o mesmo ocorreu dentro da vontade popular. A tomada do poder pelas forças armadas é apresentada pelo pastor como “Um milagre de Deus, atendendo às orações do seu povo” (p.3).

A aparente crença do diretor de que se tratava de um movimento democrático fica mais evidente ainda no seu último parágrafo, quando afirma literalmente que os cristãos são antitotalitários por natureza, conforme o trecho a seguir:

---

Quanto mais o evangelho de Jesus Cristo, em toda sua pureza e integridade, vencer no Brasil, tanto mais longe ficaremos de qualquer ditadura ou forma de opressão. Porque um crente legítimo é antitotalitário por excelência, o crente legítimo é o adversário natural da corrupção em qualquer das suas formas, e da injustiça social, e da exploração do homem pelo homem. (O Jornal Batista, ano 1964, p.3).

As opiniões e expectativas expressas nesse artigo apontam para um caminho bem distante do que representou o regime militar em seus mais de vinte anos no poder, em especial em relação ao autoritarismo, que ganha outro patamar com a imposição do Ato Institucional Número 5, o AI-5, em 1968.

### **2.3 Jornal Batista, edição 16 de 1964**

Seguindo o mapeamento das publicações seguintes ao Golpe Militar de 1964, na Edição 16, que foi publicada no dia 19 de abril daquele ano, o principal destaque desta edição fica para o texto intitulado *O dia da verdade*. Ele está dentro da seção Jornal do Secretário, que a partir daquela edição passava a ser o pastor Ernani de Souza Freitas. Com o mesmo tom do texto em destaque da edição anterior, este afirma que o dia 1º de abril, conhecido como dia da mentira, se torna o Dia da Verdade e critica o desejo dos brasileiros por reformas naquele ano. Diferente da edição anterior, ele sinaliza que na tomada do poder “quase não houve sangue. Graças a Deus”. A partir de então, o autor afirma que as reformas acontecerão dentro de um período “de ordem, de paz e de progresso”. E, conclui o texto apontando que será feita: “Dentro da democracia. Sem demagogia. Sem anarquia. Sem comunismo!” (p.3).

Nas notas redatoriais, na mesma página 3, o redator pede orações pelo presidente General Humberto de Alencar Castelo Branco, para que ele consiga ter um governo progressista, sendo pacífico, ordeiro e democrático.

### **2.4 Jornal Batista, edição 17 de 1964**

O último jornal a ser investigado nesta pesquisa é do dia 26 de abril de 1964, a Edição 17. Nesta, podemos ressaltar na página 1 há o texto *Continuar a marchar* e no artigo *Nôvo Governo*, este último assinado pelas iniciais J.R.P. O tom de apoio e de elogios ao novo regime é presente em ambos.

Em *Continuar a marchar* (p.1), o autor não citado afirma que “A nova situação política estabelecida no Brasil não altera o nosso comportamento como batistas”. Sobre esse comportamento, o autor destaca a postura anticomunista, a defesa da liberdade e a

---

proclamação do evangelho. A comemoração do texto é que o novo contexto político do País garantiria aos batistas e crentes do Brasil a liberdade de pregação do evangelho, que era vista como ameaçada antes do Golpe Militar, dentro do discurso dos pastores batistas que escrevem em O Jornal Batista.

A ameaça que pairava sobre o País, e de que as provas estão sendo apresentadas agora com tanta abundância, desfêz-se. Manifestemos nossa gratidão a Deus, pregando mais e vivendo melhor. Tomamos conhecimento dos acontecimentos e problemas políticos mas, realmente nossa principal preocupação não está neles. Temos uma mensagem para apresentar e apresentá-la é nosso interesse primacial (O Jornal Batista, 1964, p. 1).

Está presente no artigo a tese da ameaça da liberdade e a preocupação com o contexto político. Apesar disso, elas são preocupações que surgem num segundo plano, visto que o discurso reforça que o primordial para a denominação sempre foi a atuação eclesial da pregação da mensagem.

Uma das mais contundentes defesas do novo regime, porém, está no texto *Novo Governo*. Nele, o pastor José Reis Pereira ressalta o apoio ao presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, citando a sua escolha como unânime, visto que era um dos heróis da revolução, como este jornal passava a chamar o Golpe Militar de 1964. Após exaltar a decisão do Ato Institucional Número 1 de “caçar direitos políticos de várias personalidades no interesse da paz e da honra nacionais” (p. 3), o jornal destaca que nesta lei fica fixada a data das eleições presidenciais para o ano de 1965. Uma promessa dos militares que não aconteceria por quase três décadas.

O texto, que como os anteriores, é finalizado com uma convocação à oração do povo pelo governante, faz uma defesa em relação à sua recorrente postura política. “Aproveitamos para dizer que O Jornal Batista não faz política. Não está, como não podia estar, ligado a nenhum dos partidos políticos nacionais” (p.3). Também como nos artigos anteriores, a publicação ataca o pensamento comunista e considera esse o aspecto que mais o aproxima do novo regime, que tinha uma característica anticomunista. O discurso de distanciamento das estruturas políticas-partidárias do País fica bastante comprometido a partir da própria publicação.

### **3. MARCADORES DO DISCURSO NO JORNAL BATISTA**

Diferente da tentativa de demonstrar uma neutralidade em relação aos acontecimentos políticos do País, como o jornal tentou citar na sua edição 17, algumas

---

características presentes em todos os textos de O Jornal Batista sinalizam o posicionamento favorável aos sujeitos responsáveis pela ruptura democrática daqueles dias e um esforço em driblar o caráter autoritário do Golpe Militar. Destacaremos alguns dos principais marcadores do discurso a seguir.

Há na maioria dos textos uma crítica difusa, ou poderíamos chamar de genérica, ao momento político do País. A característica alarmante guarda semelhanças com muitas peças desinformativas que hoje pelas redes sociais. Em outras palavras, a denúncia dos problemas de então não é precisa e sempre associada às influências do comunismo, também sem explicitar em nenhum momento que aspecto dessa ideologia política é nociva ao País e aos brasileiros ou mesmo de explicar do que se trata. Abaixo sinalizamos algumas das expressões utilizadas para definir os problemas políticos vividos no Brasil da década de 1960.

O Jornal Batista afirma no artigo *Jesus Cristo, Esperança Nossa*: “Que o Brasil está à beira do abismo todo mundo sabe e há muito tempo” (p. 1) e que “...a intranquilidade é geral, a corrupção política e administrativa campeia à solta” (p.1). A única crítica mais objetiva é sobre a desvalorização da moeda naquela época.

Há um destaque à situação de desesperança e uma crítica aos processos políticos democráticos de maneira geral, como nos trechos a seguir do artigo *Jesus Cristo, Esperança Nossa* : “Eu não posso vibrar numa campanha política porque sei que as meras soluções políticas são simples paliativos e frequentemente determinam dolorosas decepções” (p.1). A esperança, portanto, deve ser depositada apenas em Jesus Cristo, na conclusão do jornal.

A imprecisão da crítica do contexto político e econômico fica mais evidente no artigo *Responsabilidade dos Crentes nesta hora*. O autor cita “um clima pesado de provocações, ameaças e agitações”, um “clima artificial, estranho à índole brasileira” (p.3) e informa que era de conhecimento geral que “certas medidas tomadas no Brasil e certos planos lembrava-nos com alguma apreensão de fatos semelhantes ocorridos há bem pouco tempo e aos quais, ao que nos parecia, nossos líderes não estavam dando a devida atenção”. As próprias palavras utilizadas nos artigos demonstram a imprecisão em quaisquer informações do contexto político ou socioeconômico da época.

Todas essas menções genéricas, fragmentadas e sem um sentido em si remetiam posteriormente à ameaça comunista, de trazer ao País o sistema que dominou países como a Hungria e Checoslováquia, na época. O uso das experiências de outras nações

---

para fortalecer um discurso anticomunista na época, guarda muitas semelhanças com o visualizado nas eleições 2022, por exemplo, ao mencionar Cuba e Venezuela.

No artigo *O dia da verdade*, verificamos a crítica ao desejo do governo Goulart e da população mais carente por justiça social, que seriam alcançadas via reformas. O texto não menciona que tipo de reforma se tratava, nem qual era exatamente o problema em se fazer reformas. Retornando ao primeiro aspecto levantado no mapeamento dos marcadores dos textos de O Jornal Batista, é a crítica genérica, difusa sobre contexto social, político e econômico daquela época, repetindo o discurso de que havia uma influência dos regimes comunistas, que estariam ameaçando o País.

Um segundo marcador relevante é que mesmo defendendo um regime que removeu um presidente eleito, O Jornal Batista exalta a democracia em todas as publicações. A leitura sem uma análise crítica levaria ao leitor à compreensão de que o presidente João Goulart, que fora eleito como vice-presidente e assumiu o poder após a renúncia de Jânio Quadros, não representava a vontade popular, enquanto que os militares que tomaram o poder de forma autoritária, promovendo uma ruptura política no País, representavam a democracia e, portanto, a vontade dos brasileiros. Na edição 16 de O Jornal Batista, o autor chega a mencionar os militares como um “movimento de salvaguarda da democracia” (p.3) e que houve uma vitória da democracia e um reestabelecimento do respeito à constituição. A repetição da defesa da democracia, com muita ênfase à ordem, e a aproximação desse discurso com o novo regime político do País é uma das estratégias de linguagem (indução) para endossar o Governo Militar.

Outro destaque é que apesar de elogiarem a democracia e descreverem o novo momento político do País como uma democracia de fato, O Jornal Batista tenta apresentar uma isenção política em alguns momentos, dizendo-se que não poderia ser partidário a nenhuma liderança e, em vários momentos, defende também o respeito às autoridades e a responsabilidade da igreja de orar por elas.

Por fim, outro marco recorrente em todos os textos é o convite à igreja para a prática da oração e evangelização, direcionando a sua esperança para Cristo. Esse é o traço mais religioso do discurso, que associa a desesperança ao momento político do País antes do Golpe Militar e, diante do novo contexto de “tranquilidade” no País, a igreja passa a ser convocada para cumprir o seu papel de evangelizar os homens e anunciar que Jesus Cristo é a única esperança. E em relação aos novos líderes políticos, como autoridades instituídas por Deus, mereciam, portanto, as orações da igreja.

---

Esses foram os principais marcadores do discurso de O Jornal Batista: uma crítica difusa ao contexto do País, sob o risco do comunismo; uma defesa do fortalecimento da democracia, que teria vindo pelas mãos dos militares; e, dentro do novo momento político do País, um convite à igreja para a oração pelos novos líderes e evangelização, tendo Cristo como a Esperança para o País.

Há, portanto, um processo de manipulação da informação (Abramo, 2003) na narrativa do Golpe de 1964, que induz os leitores a aceitação do Golpe de Estado como um fato dado e democrático, ao processo histórico de criminalização do comunismo no País - que ao longo das décadas seguintes se estendeu aos demais partidos de esquerda brasileiros – e a impressão de que havia uma neutralidade política nessa comunicação. Dentro da perspectiva de Abramo (2003) sobre manipulação, é notável no discurso ao menos os padrões de ocultamento, a fragmentação e à indução nas publicações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho resgata a memória do discurso de O Jornal Batista, no mês seguinte ao Golpe Militar de 1964, que interrompeu a experiência da democracia brasileira. Ao revelar o apoio aos responsáveis pelo Golpe Militar, referendando a mesma tese criticada pela historiografia de que o Brasil sofria um risco iminente de domínio comunista, a publicação utiliza de algumas estratégias discursivas para justificar a posição que se contrapõe ao regime democrático que rege e orienta a administração das Igrejas Batistas Brasileiras. Há um jogo de palavras que induz aos leitores de que, na verdade, aquele regime era um defensor da democracia e não o contrário. O chamado do povo a orar pelos dirigentes do País é uma das marcas dos textos, que lançam na oração duas questões: a aceitação de uma liderança imposta, além de um convite à neutralidade política naquele momento. Muitas dessas argumentações, especialmente de criminalização do comunismo permanecem no debate eleitoral brasileiro décadas depois. Dentro de uma sociedade digital e espetacularizada na qual a igreja está imersa e com uma presença muito maior de evangélicos do que na década de 1960, esse fenômeno midiático, discursivo, religioso e político ganha contornos relevantes na construção da opinião pública do País. A compreensão da construção e dos efeitos desses discursos podem contribuir para o entendimento do fluido ambiente desinformativo que se formou no meio da igreja evangélica brasileira contemporânea.

---

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. 1ª edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- BINDE, J. L. ; COUTO, A. V. ; COSTA FILHO, J. V. ; RODRIGUES, I. L. A. . Evangélicos e a Ditadura no Brasil: A família evangélica contra o comunismo. In: **Noveno Congresso Latinoamericano de Ciencia Política**, 2017, Montevideo. ALACIP 2017 - Democracias en Recesion?, 2017.
- CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA**. Nossa História. Quem somos como Batistas. Portal Batista, 2017. Disponível em: <<https://abrir.link/Otiyq>>. Acesso em 30 abr. 2019.
- DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves; SILVA, Clemir Fernandes da; CASTRO, Alexandre de Carvalho . A igreja de farda: batistas e a Ditadura civil-militar. **Estudos Teológicos**. v. 57, nº 01, p. 192-212, 2017. Disponível em:<<https://abrir.link/JtwvK>> Acesso em: 20 abr. 2019.
- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.
- LEAL, J. S. . Os batistas brasileiros e o golpe militar de 1964. **Revista de Estudos de Religião** , v. 8, p. 101-118, 2017. Disponível em: <<https://abrir.link/vpAyG>>. Acesso em: 15 abr. 2019.
- MACHADO, A. H. Os Batistas e a abertura política pelas páginas do 'O Jornal Batista'. In: **XXVI Simpósio Nacional de História**: Conhecimento histórico e diálogo social, 2013, Natal. Caderno de Resumos, 2013. p. 482-483.
- MAINGUENAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- O JORNAL BATISTA**, Ano LXIV, Rio de Janeiro, 5 de abril de 1964, Edição nº 14.
- O JORNAL BATISTA**, Ano LXIV, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1964, Edição nº 15.
- O JORNAL BATISTA**, Ano LXIV, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1964, Edição nº 16.
- O JORNAL BATISTA**, Ano LXIV, Rio de Janeiro, 26 de abril de 1964, Edição nº 17.
- G1. Ouça o áudio e leia trechos da sessão do Congresso que depôs Jango. Política. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/50-anos-do-golpe-militar/noticia/2014/03/ouca-o-audio-e-leia-trechos-da-sessao-do-congresso-que-depos-jango.html>>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- PATRIOTA, Karla Macêna Pereira. A cena enunciativa e o ethos dos pregadores no discurso das igrejas eletrônicas. Logos: comunicação e universalidade. v. 11, n. 2, p. 71-88, 2004. Disponível em: <<https://abrir.link/JOHBa>>. Acesso em: 15 jul. 2023.